

**(Qual é) a representação da mulher construída pelos contos
“É a alma, não é?” e “Um dia, afinal” de Marina Colasanti?**

Gustavo Vieira de MORAES¹
Yani Rebouças de OLIVEIRA²

Resumo

Os contos de autoria feminina começaram a despertar a atenção do público leitor após as inúmeras mudanças sociais que ocorreram em meados do século XX, como a luta das feministas pelos direitos da mulher na sociedade, como o voto, o direito de trabalhar, entre outros. Desde então, estes textos se multiplicaram em proporções consideráveis e ganharam respeito dentro do mundo literário. A idéia deste artigo é buscar qual seria a diferença da representação da mulher quando esta é obra de uma voz feminina e não de uma autoria masculina, considerando as características da escrita da mulher comparadas a do homem.

Palavras-chave: Representação; Gênero; Feminino; Literatura.

Introdução

A literatura, assim como o cinema, a TV, a publicidade e o jornalismo, é comumente citada como um instrumento para a representação dos grupos sociais.

Entende-se por representação, “as práticas de significação e simbolização por meio dos quais os significados, que nos permitem compreender nossas experiências e aquilo que somos, são construídos”³. Posto que as representações “constroem os lugares a partir dos quais grupos e sujeitos se posicionam e são posicionados e onde serão lidos e farão suas leituras”⁴.

¹ Graduando do curso de Publicidade e Propaganda da Facomb-UFG, e-mail: gustavovm2004@hotmail.com

² Professora Mestre da Faculdade de Letras da UFG. E-mail: yani.reboucas@gmail.com

³ POZOBON, R. O. **Maradona ou Biro Biro? Estereótipos e dinâmizações das identidades.**

Disponível em: <http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/03/16/1268758284.pdf> Acesso em: 29 nov. 2010.

⁴ POZOBON, R. O. **Maradona ou Biro Biro? Estereótipos e dinâmizações das identidades.**

Disponível em: <http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/03/16/1268758284.pdf> Acesso em: 29 nov. 2010.

Pensando na mais famosa frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”⁵, tem-se a manifestação do conceito de gênero. Entender que a condição feminina não está ligada à explicação biológica e sim a um padrão social formado pela família, pela escola, pela igreja, pela ciência e, é claro, pela mídia é o primeiro passo para compreender a capacidade que a literatura possui de alimentar estereótipos que permanece há décadas no pensamento coletivo.

Tendo este conceito em mente, é possível perceber que a construção da imagem da mulher pela voz masculina sempre teve um caráter dualista, ora a mulher era adorada pela sua idealização, ora era condenada por ser demoníaca nas suas ações e/ou pensamentos.

Como é apontado por Jean Marcel, “os romances oitocentistas estão repletos de mocinhas que, dotadas de conhecimentos que “excedem a bitola do intelecto feminino”, perdem a sua estabilidade emocional e enveredam pelos caminhos do vício”⁶. Não faltam exemplos que ilustram esta idéia, como as personagens Aurélia, Amália e Emília de José de Alencar.

No entanto, especificamente na literatura brasileira contemporânea, isto começou a mudar com os textos de escritoras como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles e Marina Colasanti. A busca por uma construção fiel ou pelo menos mais próxima da noção que a mulher tem de sua própria personalidade foi o motivo propulsor dessas e de outras autoras nas representações do feminino na literatura, que até então estava repleta de estereótipos determinados pelo homem no momento histórico em que foram escritos.

Mulheres de Marina Colasanti

A escolha dos contos “É a alma, não é?” e “Um dia, afinal” reflete as perturbações que tive ao reler alguns textos de Marina Colasanti, após a disciplina de relações de gênero nas literaturas em língua portuguesa.

⁵ BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

⁶ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Revista Trópico: Mulheres sensíveis e homens racionais**. Disponível em: < <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/895,1.shl> > Acesso em: 30 nov. 2010.

No primeiro conto, a personagem Marta passa por uma tomada de consciência sobre o seu casamento, que não é mais o mesmo de antes e, assim como a libélula presa no âmbar, foi aprisionado pelo desinteresse e pela insatisfação de um para com o outro.

Esta epifania acontece logo no início do conto, quando Marta reflete sobre a notícia de um jornal que apresentava uma libélula presa no âmbar, encontrada em um sarcófago por um arqueólogo.

“No âmbar. Preso no âmbar como uma libélula – não exagera, Marta – está bem, não dá mesmo para tanto, preso no âmbar como um inseto, uma mosca. É isso, preso no âmbar como uma mosca.”⁷

Mais adiante, a autora revela Marta ainda mais consciente da realidade de seu casamento e a sua frustração com a rotina que leva todos os dias com o marido.

“Nem poderia o jornal saber ou interessar-se por um casamento assim tão cotidiano, um casamento puído pelo uso como certos colarinhos que já não têm pano por dentro, mas mantêm por fora uma quase integridade, um casamento que todos diriam bom, embora sem asas e sem vôos, incrustado pelos anos em sua própria história.”⁸

É possível notar que além da temática, outros pontos se diferem da escrita masculina em relação à escrita feminina. O modo como é apresentado e tratado o desgaste do matrimônio da personagem é repleto de características da voz feminina no texto, como a descrição de situações no campo dos pensamentos que conseguem levar o leitor a uma experiência quase sensorial com o texto. Neste sentido, Lucia Castello Branco e Ruth Brandão afirmam que:

“Diferença enorme se percebe nos textos femininos, nos quais as fantasias e sonhos se fazem encenar na superfície em que ganham forma, a qual se reveste de novas e inéditas aparências, nem sempre confortáveis; às vezes plenas de um inquietante sentido gerador de novas significações.”⁹

⁷ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.07-10 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

⁸ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.07-10 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

⁹ BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. p.14 Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.

Ainda no mesmo conto, Marta perpassa com os olhos cada móvel e cada objeto da casa, lembrando de como era a sua relação com o marido no passado e a falta de sentido que tomou conta da sua vida de uma hora para outra. Quanto mais a reflexão se estende, mais a personagem se reconhece com a libélula incrustada no âmbar e mais se estranha com o que faz parte do seu cotidiano.

A distância entre ela e o marido não termina com o fim do conto, pelo contrário, a autora não conclui os pensamentos de Marta com uma atitude da personagem que guiaria ao divórcio. Ela, Marta, permanece sentada na sala de televisão, alheia ao marido que chega do trabalho, envolta ainda com o seu fluxo de consciência.

“A branca luminosidade da sala apagou-se aos poucos sem que Marta se desse conta, a televisão lança sombras fundas. Marta ouve bater a porta do elevador, passos se aproximam no corredor. Marta acende o abajur da sala. A luz dourada se alastra preenchendo todos os espaços. A chave roda na fechadura. Marta vira a cabeça passando o olhar de relance pelos móveis sem arestas. A porta se abre. O marido entra. Oi, diz Marta, que tal teu dia? E sem ouvir a resposta volta-se para a televisão.”¹⁰

Já no segundo conto, Marina Colasanti nos apresenta outra mulher, ativa, que não permanece na inércia de uma frustração impotente. Ela não tem nome, não tem identidade, mas pode ser vista como uma representação de muitas mulheres que se sentem decepcionadas e enganadas com a atitude do marido depois de anos de casamento.

A mulher inicia a busca pelo marido desaparecido, vai a lugares como a antiga cidade na qual moravam, depois vai a locais conhecidos como o ex-emprego, a bares que ele freqüentava, a farmácias, a hospitais, a cemitérios e até mesmo na casa da possível amante.

Durante a tentativa de encontrá-lo, a mulher percorre lembranças do casamento no passado, como era a sua relação com o marido e a imagem que ela tinha dele no cotidiano. É interessante notar a descrição física do homem, uma leve erotização dos pensamentos da mulher.

¹⁰ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

“Pensar nas coxas do marido quase a paralisava, parava, levava as mãos ao coração como se lhe fosse faltar o ar. Há quanto tempo, há quanto tempo as coxas do marido, aqueles joelhos que ela escorava às vezes com as mãos sobre o lençol, não porque ele precisasse de apoio, mas para senti-los, duros contra sua palma macia.”¹¹

Em outra parte do texto de Marina Colasanti, ficam claras as etapas do desgaste que um matrimônio passa com o tempo, mais especificamente a atitude da mulher para com o marido, ainda mais quando os sentimentos não são alimentados pelo casal. “Enquanto havia sido seu marido, enquanto ela havia cuidado dele, com amor a princípio, com carinho depois, e ainda um tempo por puro hábito [...]”¹²

A autora apresenta diversas manifestações próprias de um texto feminino que trata sobre a mulher, como por exemplo: a necessidade do toque, do olhar, da palavra; a expectativa de preenchimento com o casamento; a sensibilidade no texto e nas descrições; a entrega do corpo e da alma na escrita; a capacidade de levar o leitor a intimidade da personagem; etc.

Após inúmeras tentativas, a mulher não consegue encontrar o marido em nenhum dos lugares visitados e tenta a última possibilidade, procurar a polícia. No entanto, no outro dia, ela recebe a visita de dois policiais que trazem uma notícia que ela insiste em não aceitar e não ver verdade no que eles dizem a ela. Apesar de provas, documentos e demonstrações, a mulher não aceita que o seu marido estava a todo o momento ali, sentado na poltrona da sala.

“E a polícia ali, junto dela repetindo que seu marido não havia desaparecido, que nunca havia desaparecido, que nem por um só instante a havia abandonado, mas havia estado sempre ali, onde estava agora, sentado na poltrona, enquanto ela o procurava, enquanto ela dava queixa na Delegacia. Como ousavam pensar que conheciam seu marido, só porque ela lhes havia mostrado o retrato?”¹³

¹¹ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

¹² COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

¹³ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

A ausência do marido que ela conheceu há muito tempo levou a mulher ao estranhamento daquele homem que permanecia ao seu lado, mas que não demonstrava nenhum sentimento, desejo ou atenção durante anos.

A solidão de mulher, a dependência do beijo, do toque e do carinho e a ausência do marido são os principais temas deste conto, que revela uma personagem desapontada com o que virou o seu casamento e sua relação com o marido, mas que ainda assim acredita que aquele marido do início do matrimônio “existia ainda em algum lugar, e que deste lugar um dia, um dia afinal, voltaria para casa”.¹⁴

Considerações finais

Buscou compreender que a representação da mulher pela voz feminina se aproxima muito mais da realidade e dos sentimentos das mulheres em relação a sua época do que os textos de voz masculina que utilizam as personagens femininas como “passageiras da voz alheia”¹⁵, termo frequentemente utilizado pelas autoras Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão.

No caso dos contos analisados, percebe-se que apesar da autora, em nenhum dos contos, não ter concluído a narrativa com o divórcio ou com a separação do marido, apresenta uma inquietação e uma reflexão permanente da mulher sobre a situação em que se encontra a sua relação de mulher e esposa dentro do casamento, repleto de fluxos de consciência, epifanias e expressões sensoriais.

A mulher, que antes era idealizada ou condenada nos textos de autoria masculina, aparece como alguém que pensa e questiona o mundo, os valores da sociedade e o convívio entre duas pessoas. Nem sempre ela chega a uma conclusão ou a uma mudança radical, mas sempre é tomada pela consciência e se torna capaz de enxergar a realidade em que vive de outra forma.

Desse modo, este artigo não visa buscar uma resposta clara e definitiva para esta questão, pelo contrário, a idéia é despertar o debate na formação de universitários sobre

¹⁴ COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

¹⁵ BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.

as representações de grupos que não pertencem ao sistema masculino heterossexual normativo, como as mulheres, os homossexuais, os bissexuais, os negros, os índios, etc. Esta discussão é urgente e está apenas começando.

Referências

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. p.14 Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.
- COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.07-10 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- COLASANTI, Marina. **O leopardo é um animal delicado**. p.62-72 Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Revista Trópico: Mulheres sensíveis e homens racionais**. Disponível em: < <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/895,1.shl> > Acesso em: 30 nov. 2010.
- POZOBON, R. O. **Maradona ou Biro Biro? Estereotípias e dinamizações das identidades**. Disponível em: http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/03/16/1268758284.pdf Acesso em: 29 nov. 2010